

Processos Criativos - Sobre a Criação na Clínica Psicanalítica.

Mauro Lacerda Zaidan

Introdução

Uma questão que atualmente tem me chamando a atenção é o processo criativo em um espaço analítico. *Processo criativo*, porque a prática nos ensina que são poucas as pessoas que procuram um atendimento psicanalítico tendo idéia do que realmente se trata, e mesmo com toda essa onda de informação que está disponível atualmente não é possível ter uma idéia apropriada do que é a experiência analítica. Sendo assim, há a necessidade de um processo que crie um espaço analítico. Nenhum paciente garante que haja análise, cabe ao analista promover esse espaço.

A questão então surge como um painel luminoso piscando na minha frente: o que garante que um trabalho possa ser, além de terapêutico, psicanalítico? Sim, porque toda psicanálise é terapêutica, mas obviamente não é todo trabalho terapêutico que é psicanalítico. Atualmente é possível verificar que há divergências no que se refere ao resultado de uma análise, se há uma cura, se ela é parte do “pacote psicanalítico” etc. Penso ser esta uma questão muito pouco proveitosa para esse texto que escrevo, portanto deixarei-a para uma próxima vez.

Pois bem, fiz a pergunta e deixei-a ali em cima. A minha pretensão não é definitivamente dar uma resposta e fechar a questão, mas pensá-la incluindo dados da prática clínica. A comunicação entre o campo teórico e a praxis psicanalítica é o que permite que possamos falar de algo que não pode ser dito de outra forma. É, ainda, uma das deliciosas tramas complexas pelas quais a psicanálise caminha e se constitui.

Outro ponto que pretendo destacar se refere às técnicas psicanalíticas, ao manejo que uma análise impreterivelmente requer do analista, tanto no sentido de possibilitar que uma análise aconteça quanto na manutenção dessa, sendo essa manutenção toda cerceada pelo manejo da transferência, mas não exclusivamente.

Sem mais delongas, pegaremos agora a questão que ficou lá em cima, mas que ao mesmo tempo está sempre presente nesse texto, e vamos tentar nos permitir dar um mergulho que espero ser profundo na preparação, no cuidado, na escolha das tintas que tornará possível o surgimento de uma obra de arte que é uma análise, sempre absolutamente singular e absolutamente plural.

A Criação de um Analista

Gostei desse subtítulo, pois frente a uma questão tão complexa que é a criação de um espaço analítico, ele já nos abre de cara duas portas: como se criar um analista e como um analista pode criar. Mas espere aí: “se criar um analista?” Sim. Um analista deve ter em sua criação o tripé fundamental: análise pessoal, teoria e supervisão. Acho interessante ressaltar que duas das três exigências se referem à prática psicanalítica, seja como analisando ou como analista.

Isso é suficiente para se dizer que aquela pessoa sentada na sua confortável (tem que ser confortável) poltrona é um analista? Não. A criação do ser analista e as criações que esse analista realiza são indissociáveis. E um terceiro fator que também é indispensável, embora nem sempre levado muito em consideração, é o analisando que permite que haja um analista. Sim, porque um analista sem analisando não é analista, é apenas uma pessoa sentada na sua confortável poltrona.

Essas são questões tão importantes, óbvias e que às vezes deixamos de levá-las em consideração. Muito mais do que a vontade de ser um excelente analista é a urgência com que precisamos levar em consideração o sofrimento de quem nos procura. Basta que voltemos à grande fonte, Sigmund Freud, e aprendamos novamente com ele. Toda a sua obra, toda a psicanálise é fruto de alguém que, mais do que a vontade de ser reconhecido ou respeitado (e que não era pequena, diga-se), teve a coragem de ver na sua frente outro sujeito que sofre, e independentemente das teorias e práticas vigentes, apostou no que acreditava ser a melhor maneira de livrar aqueles sujeitos de suas mazelas psíquicas, de suas dores da alma.

Nesse ponto sou ortodoxamente freudiano: mais importante do que provar que a psicanálise está certa, é levar em consideração o sofrimento do outro que está na sua frente pedindo ajuda, e assim buscar ferramentas que tornem possível amenizar esse sofrimento e possibilitar uma vida mais criativa e mais fértil, para esse ser que sofre. Para mim, por enquanto, a Psicanálise se mostrou a melhor maneira (claro que não é perfeita ou ideal, mas é a mais interessante e precisa) de ajudar aquele que chega ao meu consultório.

Olhemos agora a questão de um jeito diferente: o que é um analista? Às vezes escuto respostas que soam quase místicas, quase como se fosse alguém que está em um estágio superior em uma hierarquia espiritual, alguém que atingiu o Nirvana ou algo que o valha. Eu vejo um analista como alguém que teve a coragem - pois coragem só é coragem mesmo se se tem medo - e a possibilidade de entrar profundamente nas suas próprias questões. Que sofreu, mas que decidiu se embrenhar nas vicissitudes anímicas, que se permitiu pensar situações que envolvem a sua própria constituição psíquica, pensar em como escutou o que papai e mamãe falaram para ele, em que arranjo social estão inseridos, etc. e que é o testemunho vivo de que uma jornada dessa magnitude tem efeitos positivos no seu viver.

Portanto, um analista é criado na experiência analítica e somente nela, e é somente lá que se pode ter um analista. Fora do consultório somos apenas pessoas que conseguem ter um diálogo interno de boa qualidade. O analista, dentro do consultório, só existe enquanto cria, enquanto se enrola e desenrola os meandros caprichosos do inconsciente. Ele cria um espaço no qual um analista pode ser criado, e o processo criativo permeia incontestavelmente todos esses processos.

A Experiência

Outra questão que percebo ser o elo condutor por onde meus questionamentos podem se desenrolar, por onde a criação pode ser pensada, trata-se da construção muito delicada e sutil, embora totalmente ativa, de um

espaço que só pode ser conquistado com a empatia e que tem como objetivo possível uma análise.

Imaginemo-nos em uma pista de patinação no gelo pela primeira vez: agarrados ao corrimão, vemos alguns tombos não muito simpáticos e sentimos nossas pernas tremerem. Pois bem, vamos respirar fundo e nos lançar à pista, ao inesperado, às possibilidades...

Uma paciente disse após 5 meses no divã: “Olha, já entendi tudo isso que está acontecendo, eu já sei que hoje em dia eu faço assim porque quando eu era pequena etc. (...) não sei mais o que fazer.” Eu lhe respondi: “Entendo que pra você é muito difícil poder confiar em alguém, para poder falar de coisas que são muito difíceis para você. Então faça assim, quando VOCÊ quiser, pode me falar tudo que vier na sua cabeça” E ela respondeu: “Puxa, você falou isso e eu lembrei de um sonho, em que eu estava...”

O que quero ressaltar com esse trecho é que há um processo de aproximação, é sempre um contato que vai se estabelecendo, aos poucos. Muito difícil realmente para essa paciente confiar, mas já é possível confiar-me um sonho, e isso, para mim, é sinal de que há comunicação, portanto análise. O fator especial a que pertence essa comunicação é a qualidade do que é comunicado. Explico: o sonho tem uma curiosidade, ele só fala se tiver certeza de que tem alguém escutando. O inconsciente do analisando está lá, trabalhando. Comunicação para que o inconsciente do paciente possa falar e o do analista possa escutar.

Outro paciente, um garotinho de 10 anos, certa vez disse que eu era uma TV. Eu perguntei qual canal ele gostaria de assistir. Ele ficou mudando por vários canais, e eu imitando com gestos, por exemplos: uma novela romântica, ou um filme de guerra etc. Ele se matava de rir. Hoje, ele me disse que gostava de vir me ver porque eu era vazio, requerendo inclusive que eu convencesse a mãe dele a trazê-lo duas vezes por semana. É um garotinho, psicótico, que diz claramente qual é a importância, a qualidade que tem esse contato. Isso só foi possível após muitas sessões em que ele, sempre com a mão ou o pé encostados em mim,

brincava comigo construindo casas, prédios, fazendo comidas, xingando, e eu sobrevivendo aquilo tudo. “Eu estava vazio” - palavras dele.

Esse vazio é o espaço criativo, é onde ele pode entrar, é lá que, na segurança de que o que delimita esse vazio é algo muito resistente, há possibilidade de se brincar. Aliás, percebo muito na minha clínica de adultos que o brincar tem tanto lugar quanto na análise de crianças. Não é um brincar infantil, é um brincar adulto que é muito interessante de se experimentar. O jogo com as palavras, com os gestos, nessa “outra cena” me parece às vezes um balé, às vezes uma dança flamenca, às vezes uma valsinha... Mas sempre conserva essa dinâmica da movimentação.

Esses acontecimentos da prática clínica são muito ricos, conservam toda a possibilidade de teorização em si, ao mesmo tempo em que são impossíveis de serem totalmente teorizados. E no trabalho com questões pré-edípicas, por exemplo, é fácil perceber porque é tão difícil teorizar sem se perder muito do que é vivenciado. Como se falar de algo que é pré-verbal? Esse é outro exemplo de onde o analista somente consegue existir se puder criar um espaço que acolha essa experiência. Há de se criar algo. E a análise é sempre criação.

Criar um espaço para que haja uma análise é bem interessante, se formos olhar de perto. O que é requerido de nós? O que podemos oferecer? Claro, tem a resposta básica que é oferecer a escuta. Mas acho que oferecer a escuta traz outros desdobramentos que me parecem fundamentais: como oferecer essa escuta? Como estabelecer essa comunicação entre inconscientes? Como?

Lembro-me de duas situações interessantes: a primeira foi que em uma primeira entrevista com uma paciente, fiz uma observação que nem eu, nem ela entendemos. A outra situação foi uma observação que eu fiz com outra paciente e que eu pensei depois: mas isso é dela ou meu? Vamos pensar essas situações. A primeira situação foi uma observação bem desastrada, porque numa primeira entrevista nem eu nem ela estávamos preparados para aquilo que surgiu. Ainda não havia sido criado um espaço para receber aquela informação, aquela vivência. Esse é um cuidado que devemos ter, primeiro temos que ter uma partitura para depois escrevermos as notas. Acho interessante inclusive pensar essas primeiras

aventuras psicanalíticas, porque é com elas que a escuta, o “setting” analítico, pode ser aperfeiçoado, diariamente. Vejo relatos de casos de Melanie Klein, Lacan (adoro colocar eles juntos na mesma frase) e Freud, e acho fantástico, pois a prática psicanalítica permite que se aperfeiçoe, e muito, a escuta, e acho também fundamental que o analista tenha tato para perceber quando e o quanto é possível ser analista.

A segunda situação exemplifica o que entendo por comunicação entre inconscientes. É uma paciente que tem fatos importantes em sua vida que se assemelham em alguns aspectos a coisas que também foram importantes na minha vida. Uma das possibilidades para que haja comunicação entre inconscientes, do meu ponto de vista, é que eu me permita sentir o que essa comunicação desperta em mim. Como eu poderia não ser tocado por algo que me toca? Uma coisa é eu não perceber isso, ou seja, que essa questão, por exemplo, seja um ponto cego que precise ser trabalhado na análise pessoal. Outra coisa é perceber essa questão e lançar mão dela, a proveito da análise do paciente. Não consigo me perceber desvinculado de meus pacientes, o que não quer dizer que eu esteja identificado com eles, mas posso estabelecer uma linha imaginária na qual um contato maior seja possível se eu tiver o cuidado de não transpassá-la.

Quero delimitar bem de qual lugar estou falando: não digo dados pessoais para pacientes, ou coisas do tipo. Estou falando da possibilidade de sentir novamente com o paciente algo seu e meu também. Não vejo isso como algo a ser “combatido” ou coisas do tipo. Aí acho que repousa uma outra questão, que é a questão do ser analista.

O tempo inteiro criamos condições para que o analista possa surgir. Não a pessoa, mas a função analista. Quando falo da criação de um espaço para a análise, estou querendo dizer que não é sempre que somos analistas, aliás, me parece que são poucas vezes em que somos realmente analistas. Poder não estar analista o tempo todo é um requisito. Percebi em mim mesmo, vezes em que a urgência de querer ser analista não me permitia analisar. Hoje eu considero a análise uma criação muito cuidadosa e várias vezes remeto-a às artes em geral como comparação, porque é isso mesmo que penso a respeito do manejo, tanto

para entrar numa transferência, o manejo da transferência quanto o manejo na transferência.

Tenho uma paciente que tem anorexia e me percebi muitas vezes assumindo funções outras que não a de analista. Cheguei a ponto de exigir que fosse ao médico como condição de continuar a análise. Tive grande receio de não ser possível retomar a posição de analista, ou de que seria no mínimo muito difícil retomar essa função. Qual não foi meu espanto em perceber que foi justamente essa “maleabilidade funcional” digamos assim, que permitiu, que criou condições para que o analista pudesse analisar. São experiências assim que direcionam a minha escolha pelas diversas teorias psicanalíticas.

Conclusão

Tentei colocar aqui nessas poucas linhas o que eu entendo por criação dentro da clínica psicanalítica. A criação de um espaço confiável, seguro, que permita que tanto crianças quanto adultos possam brincar. Essa primeira criação precede uma outra, que é a criação da transferência, de como utilizar essa transferência do paciente e também utilizar as nossas próprias questões em prol do paciente. De como, pelo menos por enquanto, minhas experiências têm sido positivas nesse sentido.

Procurei também mostrar como o processo criativo é fundamental para que possamos passear entre funções, e que essa dinâmica ajuda muito a que um analista seja possível ali.

Cheguei ao final sem uma resposta pronta, mas com pontos muito interessantes a serem pensados, numa coragem diária de se permitir errar e acertar. Sempre se recriar, tendo sensibilidade para ir tateando e criando aos poucos uma identidade analítica totalmente singular e totalmente plural.